

Escola é a solução

— RONDON GUIMARÃES

Muitos são os problemas que afligem uma sociedade. Os fatos intranquilizadores vão em um crescendo de volume e incidência, até que se constituem em verdadeiras chagas sociais, perversas em todos os níveis.

Entre os que já atingiram níveis insuportáveis estão: o alarmante número de menores que perambulam pelas ruas da vida; as baixas condições de higiene de uma parcela ponderável da população de baixa renda; e o escasso índice de qualificação profissional da maioria esmagadora do contingente de mão-de-obra disponível.

Inúmeras têm sido as soluções apresentadas para enfrentar os problemas. Todas, porém, em um entendimento mais analítico e social, representam esforços sinceros e determinados, mas dispendiosos e de efeitos permanentes duvidosos, pois apenas procuram elevar a barragem de contenção, sem eliminar o fluxo alimentador de pressão sobre essas obras de contenção.

A medida que cada um desses fatores de intranquilidade vai ocorrendo e se ampliando, aumenta o número de áreas envolvidas na busca de uma solução humana, racional e global.

É errôneo pensar que alguns níveis da escala social estão isentos de problemas, assim como outros estejam em sofrimento por determinismo social e econômico. Toda a sociedade fica sujeita à agressão avassaladora da intranquilidade; do medo e do constrangimento, na medida inversa da posição que ocupa a pirâmide representativa da sociedade.

Uma parcela da população está submetida a condições subumanas, vivendo com alimentação insuficiente, sem os benefícios do saneamento básico, sujeita a doenças que assolam os desnutridos e os que não atendem às normas básicas de higiene, além de terem, por moradia, abrigos desconfortáveis, inseguros e

localizados junto aos detritos e detritos que se acumulam em derredor de seus lares.

Raras, escassas e até mesmo ausentes são as escolas que têm condições de acolher a infância dessas áreas menos favorecidas economicamente. Em consequência, deixadas ao léu, essas crianças passaram a perambular pelas vias públicas, em busca de lazer, alimentação, ocupação e, principalmente, ávidas de carinho, compreensão e desvelo.

Nesse momento, estão abertas as portas das escolas da vida, onde os mestres não são recomendáveis, mas se constituem em ídolos e líderes desses menores sem rumo, sem destino e sem esperança.

As classes mais abastadas também têm as suas mazelas, que causam tantos malefícios e até mesmo medo à sociedade como um todo. A delinquência nesse nível social não decorre da ansiedade por melhores condições de vida, e sim de uma falta de educação, de cultura e de ocupação digna.

Dentro desses parâmetros de raciocínio, temos a plena convicção de que a origem de todos os males sociais reside na insuficiência de estabelecimentos escolares, de 1º grau em condições de, em tempo integral, abrigar a pré-escola, proporcionando ensino com tempo específico para a aprendizagem das regras elementares de higiene pessoal e coletiva, de obediência às normas sociais de convivência, com assistência à saúde, práticas físicas salutaras, iniciação profissional e alimentação.

Não preconizamos instalações escolares de grande porte, normalmente dispendiosas e inadequadas para o atendimento a toda uma demanda por escola. Consideramos fundamental a definição de áreas de demanda e nelas construir pequenos módulos escolares para cinco centenas de alunos de todos os recursos administrativos, sem exigir deslocamentos difíceis e longos, entre a moradia e o núcleo educacional.

Essa é uma solução para atacar o que julgamos ser, a causa básica, fundamental e geradora da maioria dos males sociais.

Chegamos a essa conclusão por força de um raciocínio sobre fatores condicionantes, tais como situação atual, influências, meios disponíveis, possibilidades de execução e resultados em vista. É claro que é rudimentar nos detalhes, mas julgamos factível como filosofia e política educacionais.

Estamos propondo o embasamento da cidadania e não apenas a ansiedade por melhores condições de vida.

Quando apontamos a falta de escolas como a origem de todos os males sociais, é por estarmos convencidos de que os chamados “meninos de rua” representam na verdade, uma infância fora das salas de aula, sem a oportunidade de transformar em realidade, os seus sonhos.

No cerne de todos os problemas que intranquilizam a sociedade, está a falta de educação, que não se resume na alfabetização, mas na formação da cidadania, que se manifesta na conduta do homem cordial para com o seu próximo; que sabe ser sua liberdade limitada pela do seu próximo; do que não agride a sociedade com atos e palavras irresponsáveis.

Depois de todas essas considerações, uma indagação oportuna: quanto de recursos financeiros e humanos seriam economizados se nós, sociedade, determinássemos ao Estado as medidas a serem postas em execução, dentro dessa visão de solução?

Recursos existem no erário. Haja vista a carga tributária, que aflige mais ao pobre do que ao abastado, e é utilizada até mesmo de forma perdulária.

O que está faltando? Vontade política? Desconhecimento dos fatos? Ou simples determinação?